

issn: 2176-5960



Προμηθεύς

journal of philosophy



n. 42 maio - agosto de 2023

O MESMO NO *SOFISTA* DE PLATÃO

Carolina Araújo
PPGLM-UFRJ/CNPq

RESUMO: Este artigo pretende determinar a contribuição do gênero do mesmo ao propósito geral do *Sofista* de Platão a partir de uma contraposição entre interpretações de ordem semântica e sintática. Preliminarmente, ele examina as razões para a individuação do gênero do ser em 250a8-c5, apontando que elas dependem de dois modos de se dizer o ser, o coletivo e o distributivo, que se identificam por formas sintáticas específicas. A abordagem do mesmo começa por uma reconstrução do controverso argumento em 255a4-b7, que não apenas mostra que ele é válido, como também que os modos coletivo e distributivo de se dizer lhes são centrais. A seguir, demonstra-se que a passagem 255b8-c8 não traz uma prova da distinção entre mesmo e ser, que é encontrada apenas em 256a3-b5, devido à introdução de dois outros modos de se dizer: segundo si mesmo e em relação a outro. Um paralelo desse resultado com a distinção entre ser e diferente encontrada em 255c13-d7 leva à conclusão de que o mesmo difere do ser enquanto o gênero que só diz um ser com relação a outro. Porque essa formulação permite a distinção sintática entre mesmo e ser em padrões que garantem a equivalência de não ser e diferente, ela é central ao propósito do diálogo. Comprova-se também com isso que as interpretações de ordem sintática são mais caridosas com o texto.

PALAVRAS-CHAVE: Platão, *Sofista*, mesmo, ser, diferente

ABSTRACT: This paper aims at determining the contribution of the kind same to the overall purpose of Plato's *Sophist* by contrasting semantic and syntactic interpretations. Preliminarily, it examines the reasons for the individuation of the kind being in 250a8-c5, pointing out that they depend on two ways of saying being, the collective and the distributive, which are identified by specific syntactic forms. The investigation of the same begins with a reconstruction of the controversial argument in 255a4-b7, which shows not only that it is valid, but also that the collective and distributive modes of saying are central to it. Next, it shows that passage 255b8-c8 bears no proof for the distinction between same and being, which is found only in 256a3-b5, due the introduction of two other modes of saying: according to oneself and in relation to another. A parallel of this result with the being/different distinction found in 255c13-d7 leads to the conclusion that the same differs from being as the kind that only says a being in relation to another. Because this formulation allows for a syntactic distinction between same and being in patterns that grant the equivalence of not-being and different, it is central to the purpose of the dialogue. Therewith, it is also proved that syntactic interpretations are more charitable to the text.

KEYWORDS: Plato, *Sophist*, same, being, different

Se não me engano, foi em 2008. Mário Carvalho era um excelente aluno de graduação e veio conversar comigo sobre o *Sofista* de Platão. Seu interesse era em metafísica e eu lhe disse que os maiores problemas que eu via no diálogo eram sobre linguagem. Acho que isso o frustrou um pouco e ele não se convenceu. Ele acabou seguindo suas investigações em metafísica por outros caminhos. A alegria que tive ao descobri-lo meu colega sofreu o maior dos revezes com a sua morte trágica e prematura. Este artigo em sua homenagem é uma sequência daquela conversa e um diálogo que eu adoraria ter tido com ele.

*

Em linhas gerais a ideia é que o *Sofista* de Platão tem por propósito mostrar que é possível dizer o falso para que seja possível identificar o sofista como aquele que diz o falso alegando dizer o verdadeiro. A dificuldade está em que se supõe que dizer é referir-se algo que é e em grego ático a expressão “dizer o falso” era tida como sinônima de “dizer o que não é”. Se não há dizer sobre o que não é, não há sofistas. Então é preciso mostrar o que é dizer o que não é, o que inclui explicar o que é dizer o que é. Há uma tese clássica de que isso envolve um procedimento de desambiguação do verbo ser, mas a partir da metade do último século há uma tentativa de mostrar que a questão não é tanto semântica, mas sintática.

Este artigo pretende contribuir para esse debate a partir de uma análise da função argumentativa do gênero do mesmo. Ele começa apreciando versões semânticas e sintáticas do argumento que isola o gênero do ser para em seguida fazê-lo sobre o gênero do mesmo. Preparado o terreno, passo a mostrar que é a análise do mesmo que demonstra de modo mais cogente que o centro da questão não é a diferença de significados do ser, mas a relação entre diferentes objetos em uma sentença. Finalmente, eu aponto algumas consequências da individuação do mesmo, sobretudo em sua distinção com o ser, no projeto do *Sofista*.

1. Ser como gênero

Após uma extensa análise das teses de seus predecessores sobre o ser, o Visitante de Eleia conclui:

S. É preciso dizer que as coisas imóveis e as móveis são de modo distributivo – tanto as coisas imóveis são quanto as coisas móveis são – e de modo coletivo – a soma de coisas móveis e imóveis é (ὄσα ἀκίνητα καὶ κεινημένα, τὸ ὄν τε καὶ τὸ πᾶν συναμφοτέρα λέγειν - 249d3-4).¹

O Visitante receia que S lhe comprometeria com uma tese dualista (249e6-250a2) que havia sido rejeitada alguns passos antes. Ali se havia demonstrado que, se o mundo é composto de dois princípios, o ser deve ser ou (i) um deles, ou (ii) um terceiro, ou (iii) a soma dos dois, de modo que os dualistas são sempre monistas (243d5-244a3). Por isso ele formula o problema nos seguintes termos: uma vez que a mudança e a estabilidade são incompatíveis entre si, é de modo semelhante que se diz que ambas são (modo coletivo) e que se diz que cada uma é (modo distributivo)? (Καὶ μὴν εἶναί γε ὁμοίως φησὶ ἀμφοτέρα αὐτὰ καὶ ἐκάτερον; – 250a11-12). Eis a resposta:

[T1] Visitante: Que seja então. Você não diz que a mudança e a estabilidade são as mais contrárias entre si?

Teeteto: Como não?

Visitante: E também diz que ambas são do mesmo modo e que cada uma delas é.

Teeteto: Digo de fato.

Visitante: Mas quando você concorda que são, você está dizendo que ambas e cada uma delas se move?

Teeteto: De modo nenhum.

Visitante: Então, ao dizer que ambas são, você quer dizer que se estagnam.

Teeteto: Como eu poderia?

Visitante: O ser então é um terceiro que você postula na alma, de modo que tanto a estabilidade quanto a mudança sejam circundadas por ele – reunindo-as e aprendendo-as em relação à sua conexão com o ser – é assim que você diz que ambas são?

Teeteto: É plausível que se suponha que o ser é verdadeiramente algo terceiro quando dizemos que a mudança e a estabilidade são.

Visitante: Todavia não é o caso que o ser seja a soma de mudança e estabilidade, mas sim algo diferente delas.

Teeteto: Parece.

¹ Crivelli (2012, p. 120) refere-se a esses modos como “leituras ordinárias” e “leituras generalistas” de sentenças, relacionando essa última com as predicções paulinas. No entanto, possivelmente porque ele só menciona essa diferenciação a partir de T3 (ver abaixo), ele não identifica uma relação entre essas leituras e certas formas sintáticas.

{ΞΕ.} Εἶεν δὴ, κίνησιν καὶ στάσιν ἄρ' οὐκ ἐναντιώτατα λέγεις ἀλλήλοις;
 {ΘΕΑΙ.} Πῶς γὰρ οὐ;
 {ΞΕ.} Καὶ μὴν εἶναί γε ὁμοίως φῆς ἀμφοτέρα αὐτὰ καὶ ἐκάτερον;
 {ΘΕΑΙ.} Φημί γὰρ οὖν.
 {ΞΕ.} Ἄρα κινεῖσθαι λέγων ἀμφοτέρα καὶ ἐκάτερον, ὅταν εἶναι συγχωρῆς;
 {ΘΕΑΙ.} Οὐδαμῶς.
 {ΞΕ.} Ἀλλ' ἐστάναι σημαίνεις λέγων αὐτὰ ἀμφοτέρα εἶναι;
 {ΘΕΑΙ.} Καὶ πῶς;
 {ΞΕ.} Τρίτον ἄρα τι παρὰ ταῦτα τὸ ὄν ἐν τῇ ψυχῇ τιθεῖς, ὡς ὑπ' ἐκείνου τὴν τε στάσιν καὶ τὴν κίνησιν περιεχομένην, συλλαβῶν καὶ ἀπιδῶν αὐτῶν πρὸς τὴν τῆς οὐσίας κοινωνίαν, οὕτως εἶναι προσεῖπες ἀμφοτέρα;
 {ΘΕΑΙ.} Κινδυνεύομεν ὡς ἀληθῶς τρίτον ἀπομαντεύεσθαι τι τὸ ὄν, ὅταν κίνησιν καὶ στάσιν εἶναι λέγωμεν.
 {ΞΕ.} Οὐκ ἄρα κίνησις καὶ στάσις ἐστὶ συναμφοτέρον τὸ ὄν ἀλλ' ἕτερον δὴ τι τούτων.
 {ΘΕΑΙ.} Ἔοικεν. (250a8-c5).²

O exame começa pelo exame de (i). Se ser for apenas uma delas, digamos a mudança, então, conclui o Visitante, cada uma e ambas são a mudança (250b2-3), o que é impossível, dada a incompatibilidade da estabilidade com a mudança. O argumento tem duas premissas implícitas: de que “ser é mudança” equivale a “ser é o mesmo que a mudança” e que, dado S, mudança (se for o mesmo que ser) deve ser dita da estabilidade e da mudança tanto de modo distributivo, quanto de modo coletivo. É por isso que cada uma e ambas são a mudança.

Essa passagem foi classicamente lida como o isolamento do sentido existencial do verbo ser.³ Segundo essa leitura, o ser é um terceiro, reunindo a mudança e a estabilidade, porque ambas existem, e não porque ambas são o mesmo que o ser. De fato, isso pode ser inferido do texto, mas em momento algum se diz que a razão disso é o sentido em que se diz o verbo ser. No seu contexto, a passagem parece estar preocupada em defender S das objeções que haviam sido feitas à tese dualista. Assim sendo, o que se nota é mais o contraste entre o modo distributivo – “aprendendo-as em relação à sua conexão com o ser” – e o modo coletivo – “a soma de mudança e estabilidade” – de dizer que duas coisas são, do que a distinção do sentido existencial do verbo de algum outro.

² O texto grego segue a edição de Robinson em DUKE et al., 1995, p. 383-471.

³ Cf. SHOREY 1933, p. 298; ACKRILL [1957] 1997, p. 87-88; MORAVCSIK 1962, p. 44.

No modo coletivo de dizer o ser, os dois itens são envolvidos por ele, mas essa reunião não se faz porque há algo comum à mudança e à estabilidade – afinal elas são incompatíveis. Ao contrário, o que as agrupa é a conexão que cada uma delas tem com o ser, e é em função dessa conexão que se diz de ambas que são. Em outras palavras, o modo coletivo de dizer que mudança e estabilidade não é a soma de mudança e estabilidade (como conclui o argumento), mas a soma da conexão de cada uma delas com o ser, que é, como sabemos, o modo distributivo de dizer o ser. T1 conclui que o modo coletivo (mudança e estabilidade são) é a reunião do modo distributivo de dizer o ser (mudança é e estabilidade é), e que é por isso que o ser é um terceiro (ii) e não uma soma das outras duas (iii), nem uma só delas (i). Assim, o ser é individuado, não pela cópula de dois termos, mas pelo modo como de cada coisa se diz que ela se conecta com o ser.

Vejam um pouco mais sobre a conexão. O Visitante prossegue mostrando que há dois modos de se negar a conexão. O primeiro é negar a conexão entre os gêneros (251e7-252a10). Nesse caso, é preciso concluir que nem a mudança, nem a estabilidade são porque não se conectam com o ser. Se isso é verdade, nenhum dos predecessores do Visitante que se ocuparam em dizer que o ser é mudança, ou que é estável podem negar a conexão. Veja-se que aqui “conectar” é algo que o ser faz em relação aos gêneros, e não o contrário, como em T1. Isso é relevante porque o Visitante trata “mudança existe (é ser)” e “ser é mudança” como a mesma conexão.⁴ A diferença semântica não vem da conexão, mas do fato de que, no primeiro caso, diz-se da mudança que tem conexão com o ser e, no segundo, do ser que tem conexão com a mudança. Em outras palavras, são marcas sintáticas que estabelecem variações semânticas.

O segundo modo de negar a conexão é rejeitar que se possa conectar coisas nos enunciados (252b8-d1). O Visitante entende que os que sustentam tal tese são performaticamente refutados, já que, para argumentar, eles terão que usar enunciados que conectam coisas. Isso nos sugere que há correspondência entre conexão de gêneros e cópula lógica, o que parece se comprovar no seguinte argumento:

[T2] Visitante: Então todas as coisas têm o poder de se conectar com todas?

Teeteto: Isso até eu posso rejeitar.

⁴ Cornford (1935, p, 256-7, 266) propõe que não há cópula entre as formas no *Sofista* porque todas as relações entre formas são simétricas, mas isso não é verdade porque, como pretendo mostrar, simetria e assimetria são dadas pelo conteúdo do predicado. Cf. ACKRILL (1957) 1997, p. 87-88; BLUCK, 1975, p. 109.

Visitante: Como?

Teeteto: Se elas pudessem ocorrer uma sobre a outra, a mudança ela mesma se estagnaria e, por outro lado, a estabilidade ela mesma se moveria.

Visitante: Mas isto não é impossível devido à maior das necessidades: que a mudança se estagne e que a estabilidade se mova?

Teeteto: Como não?

{ΞΕ.} Τί δ', ἂν πάντα ἀλλήλοις ἐῶμεν δύναμιν ἔχειν ἐπικοινωνίας;

{ΘΕΑΙ.} Τοῦτο μὲν οἷός τε καὶ γὰρ διαλύειν.

{ΞΕ.} Πῶς;

{ΘΕΑΙ.} Ὅτι κίνησιν τε αὐτὴ παντάπασιν ἴσται' ἂν καὶ στάσις αὐτὴ πάλιν αὐτὴ κινῶιτο, εἴπερ ἐπιγυνοίσθην ἐπ' ἀλλήλοις.

{ΞΕ.} Ἀλλὰ μὴν τοῦτό γε που ταῖς μεγίσταις ἀνάγκαις ἀδύνατον, κίνησιν τε ἴστασθαι καὶ στάσιν κινεῖσθαι;

{ΘΕΑΙ.} Πῶς γὰρ οὐ; (252d2-11)

T2 diz que a conexão entre mudança e estabilidade é impossível, mas note-se a razão: supor que “a mudança é estabilidade” ou “a estabilidade é mudança” implica “a mudança se estagna” ou “a estabilidade se move”. Se a predicação se expressa nessa fórmula verbal – o que também ocorre em T1 –, ela não parece depender do verbo ser (em grego ele não é mencionado na maior parte das cópulas) ou de um determinado significado dele. Isso é importante porque é mais uma evidência de que a cópula não aporta significado, sendo essa a função do gênero conectado. Mas veja-se que a equivalência entre a forma verbal e a predicação, no caso do ser, resulta em que “X é ser” seja substituível por “X é” e vice-versa. Se isso é o caso, em termos sintáticos uma cópula pode ganhar versão alongada que expressa a conexão de X com o ser. Essa versão diria que, independentemente do significado introduzido pelo predicado, o enunciado implica que o sujeito da cópula também se conecta com o ser. É esse o resultado importante de T1: o gênero do ser não é a cópula, mas a conexão do sujeito da cópula (aquele de que o enunciado diz) com o ser.⁵

2. O gênero mesmo

Até aqui vimos que, ao defender que o ser é algo diferente da mudança e da estabilidade, o Visitante concluiu que ele é um terceiro gênero. Sua pergunta agora é: o

⁵ Cf. MALCOLM, 1967, p. 130. A fórmula clássica dessa tese é: “para os gregos, ser significa ser o sujeito ou o predicado para um discurso racional e um enunciado verdadeiro” (KAHN, [1973] 2003, p. 404).

fato de cada um desses gêneros ser diferente do outro faz com que haja um gênero “diferente”? E o fato de serem o mesmo faz com que haja um gênero “mesmo”? (254e2-255^a2). A resposta do Visitante tem três partes: (i) o mesmo e o diferente são diferentes da mudança e da estabilidade (255a4-b7); (ii) o mesmo é diferente do ser. (255b8-c8); (iii) o diferente é diferente do ser. (255c9-255e7). Como há muitas questões envolvidas nesse percurso, vou me concentrar na questão do gênero do mesmo (o primeiro e o segundo argumentos) e sua função nessa empreitada. Vejamos:

[T3] Visitante: Mas a mudança e a estabilidade não são nem o diferente, nem o mesmo.

Teeteto: Como assim?

Visitante: Qualquer deles que atribuamos em comum à mudança e à estabilidade isso não será nenhuma das duas.

Teeteto: Por quê?

Visitante: A mudança se estagnaria e a estabilidade por sua vez se moveria. Afinal, ocorrendo a qualquer uma das duas, ele forçará a outra a se transformar no contrário da sua natureza própria, ao participar do seu contrário.⁶

Teeteto: De fato.

Visitante: Ambas devem participar do mesmo e do diferente.

Teeteto: Sim.

Visitante: Então não diremos que a mudança é o mesmo, ou o diferente, tampouco a estabilidade.

Teeteto: Não.

{ΞΕ.} Ἄλλ' οὐ τι μὴν κίνησις γε καὶ στάσις οὔθ' ἕτερον οὔτε ταῦτόν ἐστι.

{ΘΕΑΙ.} Πῶς;

{ΞΕ.} Ὅτι περ ἂν κοινῇ προσείπωμεν κίνησιν καὶ στάσιν, τοῦτο οὐδέτερον αὐτοῖν οἷόν τε εἶναι.

{ΘΕΑΙ.} Τί δή;

{ΞΕ.} Κίνησις τε στήσεται καὶ στάσις αὖ κινήσεται· περὶ γὰρ ἀμφοτέρα θάτερον ὅποτερον οὖν γιγνόμενον αὐτοῖν ἀναγκάσει μεταβάλλειν αὖ θάτερον ἐπὶ τοῦναντίον τῆς αὐτοῦ φύσεως, ἅτε μετασχὸν τοῦ ἐναντίου.

{ΘΕΑΙ.} Κομιδῆ γε.

{ΞΕ.} Μετέχeton μὴν ἄμφω ταῦτοῦ καὶ θατέρου.

{ΘΕΑΙ.} Ναί.

{ΞΕ.} Μὴ τοῖνυν λέγωμεν κίνησιν γ' εἶναι ταῦτόν ἢ θάτερον, μὴδ' αὖ στάσιν.

{ΘΕΑΙ.} Μὴ γάρ. (255a4-b7)

A hipótese em análise atribui o mesmo (MH) ou o diferente (DH) em comum à mudança e à estabilidade, o que nos faz esperar uma análise do “modo coletivo de dizer

⁶ Entendo que μετασχὸν τοῦ ἐναντίου deve ser entendido como a participação no gênero que é contrário ao seu próprio (referindo-se a τοῦναντίον τῆς αὐτοῦ φύσεως) e não no gênero da contrariedade, o que implicaria a introdução de um sexto gênero principal sem que qualquer nota seja feita sobre isso.

algo”. Mas vemos que, ao longo desse argumento, esse modo coletivo de dizer é substituído pelo distributivo: “ocorrendo a qualquer uma das duas”. Isso parece sugerir que o Visitante entende que, assim como o ser, dizer o mesmo e o diferente podem ocorrer coletiva ou distributivamente. Esse é um dos mais estranhos argumentos em Platão, mas acho que ele pode ser perfeitamente aceitável se levarmos em conta esses dois modos de se dizer, como na seguinte reconstrução⁷:

DH: A mudança e a estabilidade são o diferente.
C1 (de DH): A mudança é o mesmo que estabilidade.
C2 (de C1): A mudança tem a mesma natureza da estabilidade.
P1: A mudança participa do contrário em relação à (é incompatível com a) estabilidade.
C3 (de P1): A mudança tem a natureza contrária à estabilidade.
C4 (de C3): A mudança e a estabilidade não são o mesmo.
DC5: A mudança e a estabilidade não são o diferente.
DP2: A mudança é mesma que si mesma. A estabilidade é mesma que si mesma.
DC6: A mudança participa do mesmo. A estabilidade participa do mesmo.

MH: A mudança e a estabilidade são o mesmo.
C1 (de MH): A mudança é o mesmo que a estabilidade.
C2 (de C1): A mudança tem a mesma natureza da estabilidade.
P1: A mudança participa do contrário em relação à (é incompatível com a) estabilidade.
C3 (de P1 e C2): A mudança tem a natureza contrária à estabilidade.
MP2: A mudança tem que ter a mesma natureza que a mudança.⁸
C4 (de C3 e MP2): A mudança e a estabilidade não são o mesmo.
MC5: A mudança é diferente da estabilidade.
MC6: A mudança participa do diferente. A estabilidade participa do diferente.

O que vemos é que o argumento sobre o mesmo não corresponde exatamente ao argumento sobre o diferente. Nota-se que há duas provas em cada um: a da negação da hipótese, feita por uma redução ao impossível, e a da participação, que parece mais postulada do que provada. A redução de DH se faz diretamente da incompatibilidade entre mudança e estabilidade (P1), ao passo que a de MH depende também de MP2, que estabelece auto-identidade. A auto-identidade é necessária, quanto ao diferente, apenas

⁷ Todo o argumento, aos olhos do visitante, continua válido se todas as ocorrências de “mudança” forem substituídas por “estabilidade” ao mesmo tempo que todas as de “estabilidade” por “mudança”. Ele também continua válido se todas as ocorrências de “mesmo” forem substituídas por “diferente” ao mesmo tempo em que todas as de “diferente” forem substituídas por “mesmo”. Como se nota, essa suposição faz com que o argumento precise ter duas formas distintas.

⁸ Nessa reconstrução nenhuma função é desempenhada pela tese de que a mudança se estagna e que a estabilidade se move, o que nos poupa de uma discussão paralela quanto a que é falso que a mudança é incompatível com a estabilidade uma vez que o gênero mudança é estável (cf. VLASTOS, 1970, p. 272-278; BLUCK, 1975, p. 113-114; CRIVELLI, 2012, p. 119).

no argumento da participação (DP2). Já o argumento da participação quanto ao mesmo não precisa de premissas extras. Mas há outra diferença. Enquanto C1 mostra que em DH ser o diferente é “ser o mesmo que o diferente”, MH é ambíguo. Ele pode dizer tanto que “A mudança e a estabilidade são o mesmo que o mesmo”, sendo o correspondente de DH, quanto que “A mudança é o mesmo que a estabilidade”, o que corresponde a C1. Isso parece inofensivo, uma vez que o argumento entende que MH e C1 são conversíveis. Mas fica claro que o argumento do diferente não funciona com a transformação do modo coletivo em modo distributivo de se dizer. A comparação entre os argumentos do diferente e do mesmo nos mostra que a razão pela qual C1 é impossível é distinta da razão pela qual MH é impossível. C1 é rejeitado por P1, mas MH é rejeitado por P1+MP2.

O que é surpreendente neste argumento é que, uma vez que a finalidade é provar a diferença dos gêneros, ambos dependem de hipóteses que expressam identidade dos gêneros por meio do verbo ser (ἔστι). Em outras palavras, para defender que o mesmo seja um gênero distinto, ele precisa usar o verbo ser com o sentido de “ser o mesmo”. Isso parece ainda mais estranho quando sabemos, como antecipado, que a segunda parte da resposta do Visitante consiste em mostrar que o mesmo é diferente do ser. Em suma, se a questão em tela nessas páginas do *Sofista* for a desambiguação dos diferentes sentidos do verbo ser, nós estamos diante de um paradoxo: se o mesmo for diferente do ser, não se prova que o mesmo é diferente da mudança e da estabilidade, se ele for o mesmo que o ser, não fica provado o segundo argumento, que é o seguinte:

[T4] Visitante: Mas será que é preciso pensar que o ser e o mesmo são uma coisa só?

Teeteto: Talvez.

Visitante: Mas se for preciso que o ser e o mesmo não difiram em significado, ao de novo dizermos que a mudança e a estabilidade ambas são, diremos, ao referirmo-nos a elas como sendo, que assim ambas são o mesmo.

Teeteto: Mas isso é impossível.

Visitante: Portanto é impossível que o mesmo e o ser sejam um.

Teeteto: Grosso modo sim.

Visitante: Suporemos então o mesmo como uma quarta forma além das três?

Teeteto: Perfeitamente.

{ΞΕ.} Ἀλλ' ἄρα τὸ ὄν καὶ τὸ ταῦτόν ὡς ἓν τι διανοητέον ἡμῖν;

{ΘΕΑΙ.} ἴσως.

{ΞΕ.} Ἀλλ' εἰ τὸ ὄν καὶ τὸ ταῦτόν μὴδὲν διάφορον σημαίετον, κίνησιν αὖ πάλιν καὶ στάσιν ἀμφοτέρα εἶναι λέγοντες ἀμφοτέρα οὕτως αὐτὰ ταῦτόν ὡς ὄντα προσεροῦμεν.
 {ΘΕΑΙ.} Ἀλλὰ μὴν τοῦτό γε ἀδύνατον.
 {ΞΕ.} Ἀδύνατον ἄρα ταῦτόν καὶ τὸ ὄν ἐν εἶναι.
 {ΘΕΑΙ.} Σχεδόν.
 {ΞΕ.} Τέταρτον δὴ πρὸς τοῖς τρισὶν εἶδεσιν τὸ ταῦτόν τιθῶμεν;
 {ΘΕΑΙ.} Πάνυ μὲν οὖν. (255b8-c8)

A interpretação clássica desse argumento entende que aqui o Visitante isola o sentido de identidade do verbo ser em um gênero próprio: o do mesmo.⁹ De fato, o texto faz menção aos sentidos distintos dos dois termos (σημαίετον). Ainda assim, mais uma vez a atenção do Visitante parece voltada ao modo como se diz coletivamente mesmo e ser. Ele retoma S e a tese de que o ser se diz da mudança e da estabilidade coletivamente para daí formular a hipótese que ele quer reduzir ao absurdo:

M. Se o mesmo e o ser não diferirem em sentido, o mesmo também deve se dizer coletivamente da mudança e da estabilidade.

Segundo M, dizer o mesmo da mudança e da estabilidade coletivamente é dizer MH. Como MH já foi demonstrado como impossível, o que o argumento em T4 faria seria simplesmente recapitular T3. Porém, T1 já nos demonstrou que o modo coletivo de dizer o ser que corresponderia a MH é falso, já que ele implicaria negar a incompatibilidade entre mudança e estabilidade. Assim, se T4 está apelando para uma diferença entre ser e mesmo quando ambos são ditos como MH, isso é falso. O que se evidencia é bem o contrário. Se usamos o mesmo modo de dizer, teremos que “a mudança e a estabilidade são o (gênero d) o ser” e “a mudança e a estabilidade são o (gênero d) o mesmo”. Ambos os enunciados são falsos e em ambos o verbo ser expressa a mesma cópula. Ainda que ser e mesmo tenham significados diferentes, isso não é provado por esse argumento.

Uma alternativa seria, já que vimos que MH não é o mesmo que C1, pensar que a formulação “ambas são o mesmo” corresponda a C1: “A mudança é o mesmo que a estabilidade”. Porém, T1 nos mostra que também o correspondente de C1 para o ser – a mudança é a estabilidade – é impossível. Ora, se isso é assim, novamente temos então o mesmo modo de dizer de mesmo e ser, e com o mesmo significado, em “a mudança é o

⁹ Cf. CROMBIE, 1963, p. 404-405; MALCOLM, 2006, p. 276.

mesmo que a estabilidade” e “a mudança é a estabilidade”. Ambos os enunciados são falsos.

Uma vez que identificamos em T1 um esforço para mostrar como se relacionavam os modos coletivo e distributivo de dizer o ser para evitar, de um lado, dizer que mudança é estabilidade, e, de outro, cair nas dificuldades dualistas, temos que concluir que semelhante preocupação está ausente de T4. Com isso, T4 falha em mostrar que M não é o caso. Se T1 nos oferece evidência das condições em que M é verdadeiro, então devemos preferir este argumento ao que se oferece em T4. Ele concluiria que o gênero do mesmo seria formado de itens em sua conexão com o mesmo – e não por conexão com outros gêneros que não o mesmo. Teríamos, portanto, o seguinte cenário: a mudança se conecta com o mesmo por ser o mesmo que si mesma, a estabilidade se conecta com o mesmo por ser o mesmo que si mesma e o mesmo é o gênero da autoidentidade.

Em suma, T4 não prova a diferença entre ser e mesmo.¹⁰ A diferença semântica mencionada é suposta, mas não demonstrada. Isso não deveria espantar leitores que sabem que a solução para o problema do *Sofista* é, em linhas gerais, que dizer o não ser é dizer o que é diferente de (e não o mesmo que) X. Tal solução requer um elo estreito entre ser e mesmo, que é abordado adiante no texto.

3. Dizer o mesmo

Depois dos primeiros argumentos para individuação dos gêneros, o Visitante dedica-se a uma análise exaustiva da diferenciação entre o gênero da mudança e os gêneros (i) da estabilidade (255e11-256a2); (ii) do mesmo (256a3-256b5); (iii) do diferente (256c4-9) e (iv) do ser (256c10-d10). Ao longo desse percurso, ele estabelece resultados não apenas sobre a diferenciação entre esses gêneros, mas também sobre a participação (ou não) da mudança em cada um deles. Mais uma vez, interessa-nos apenas o caso do mesmo:

[T5] Visitante: Novamente então, a mudança é diferente do mesmo.
 Teeteto: Grosso modo.
 Visitante: Portanto é não mesmo.
 Teeteto: De fato não é.

¹⁰ Para posição semelhante, cf. BOSTOCK, 1984, p. 91.

Visitante: Porém ela era o mesmo, através da participação de tudo no mesmo.

Teeteto: Efetivamente.

Visitante: É preciso concordar, e não se indignar, com que a mudança é o mesmo e não o mesmo. Afinal quando dizemos dela o mesmo e não o mesmo, isso não é dito do mesmo modo. Quando então dizemos o mesmo, dizemos que é através da participação no mesmo em relação a si mesma. Quando dizemos não o mesmo, é através da conexão com o diferente, através da qual ela se torna separada do mesmo e não ele, e sim diferente, de modo que corretamente se diz, de novo, não o mesmo.

Teeteto: Perfeitamente.

{ΞΕ.} Αὐθις δὴ πάλιν ἢ κίνησις ἕτερον ταύτου ἔστιν.

{ΘΕΑΙ.} Σχεδόν.

{ΞΕ.} Οὐ ταυτόν ἄρα ἔστιν.

{ΘΕΑΙ.} Οὐ γὰρ οὖν.

{ΞΕ.} Ἀλλὰ μὴν αὕτη γ' ἦν ταυτόν διὰ τὸ μετέχειν αὐτῶν πάντων ταύτου.¹¹

{ΘΕΑΙ.} Καὶ μάλα.

{ΞΕ.} Τὴν κίνησιν δὴ ταυτόν τ' εἶναι καὶ μὴ ταυτόν ὁμολογητέον καὶ οὐ δυσχεραντέον. οὐ γὰρ ὅταν εἴπωμεν αὐτὴν ταυτόν καὶ μὴ ταυτόν, ὁμοίως εἰρήκαμεν, ἀλλ' ὅποταν μὲν ταυτόν, διὰ τὴν μέθεξιν ταύτου πρὸς ἑαυτὴν οὕτω λέγομεν, ὅταν δὲ μὴ ταυτόν, διὰ τὴν κοινωνίαν αὐτῶν θατέρου, δι' ἣν ἀποχωριζομένη ταύτου γέγονεν οὐκ ἐκεῖνο ἀλλ' ἕτερον, ὥστε ὀρθῶς αὐτῶν λέγεται πάλιν οὐ ταυτόν.

{ΘΕΑΙ.} Πάνυ μὲν οὖν. (256a3-b5)

Uma das operações realizadas por T5 é introduzir o diferente como um substituto do não ser a partir da premissa de que a inclusão do termo “não” diante do nome de um gênero é equivalente a “ser diferente de”. Assim, passamos de C4, “a mudança e a estabilidade não são o mesmo”, para “a mudança é diferente do mesmo” e, finalmente, “é não mesmo”.¹² Ao fazer equivaler “é não” na fórmula “X é não Y” à conexão do diferente (διὰ τὴν κοινωνίαν θατέρου)¹³, T5 apresenta a razão de X não ser Y, o que também se diz como “X é separado (ἀποχωριζομένη) de Y”. Em suma, a conexão do diferente é a causa da divisão dos gêneros.

Outra operação é introduzir o ser como um substituto da conexão, aqui expressa pela participação (μέθεξις). Assim, de DC6, “a mudança participa do mesmo”, passamos a “a mudança é o mesmo”, justificada pela participação de tudo no mesmo. A

¹¹ Robinson (in DUKE ET AL, 1995, p. 450) sugere em sua edição a adição: ταύτου <πρὸς αὐτό>.

¹² É por isso que a tradução mais adequada – embora a expressão seja pouco usual em português – é “é não”, ao invés de “não é”. É com fórmula não-Y que o Visitante poderá argumentar que há gêneros negativos e que, portanto, há o não-ser. (Cf. CRIVELLI, 2012, p. 153)

¹³ διὰ introduz o equivalente ao que é dito, funcionando como uma análise do seu significado, cf. 256a1, ACKRILL [1957] 1997, p. 82.

explicitação do verbo ser nesses enunciados não me parece casual. Como vimos na primeira seção, a cópula pode ser desdobrada na participação do sujeito no ser, e parece ser essa a ênfase que se quer dar aqui.¹⁴ “A mudança é o mesmo” deve ser então tomado como um enunciado que expressa simultaneamente a relação da mudança com o ser e com o mesmo.¹⁵

T5 finalmente introduz dois modos de dizer que a mudança é o (não) mesmo. Nos dois, “é” significa conexão, então não devemos supor que há diferença quanto a esse ponto. Outra razão para isso é que, ao enunciar os dois modos de dizer, o Visitante não usa o verbo ser¹⁶, ele contrasta algo como “mudança o mesmo” e “mudança não o mesmo”. A meu ver, isso não configura propriamente dois modos de dizer o ser, mas dois modos de dizer o mesmo da mudança.¹⁷ Comparando esses dois modos, notamos mais uma vez a dissimetria, já que dizer “a mudança é o não mesmo” não pode ser analisado simplesmente, como o texto parece sugerir, como “mudança se conecta com o diferente”, porque isso não é uma forma de dizer o mesmo da mudança. A fórmula precisa ser: “a mudança se conecta com o diferente em relação ao mesmo”. Esclarecer esse ponto passa por ressaltar que T5 introduz o que estava faltando em T4: a mudança participa do mesmo *em relação a si mesma* (μέθεξις ταῦτοῦ πρὸς ἑαυτὴν). Voltarei adiante às consequências dessa cláusula para a distinção entre mesmo e ser, por ora gostaria de averiguar a sua importância para os dois modos de dizer o mesmo da mudança.

Essa importância está em que a cláusula nos oferece um modelo triádico que, a meu ver, deve ser delineado assim: Mudança (participação) Mesmo (relação) Mudança.¹⁸ Note-se que aqui o mesmo aparece como um conceito relacional (X é mesmo em relação a Y) ou o que alguns chamam de predicado incompleto.¹⁹ Essa sentença é analiticamente verdadeira se $Y=X$ e analiticamente falsa se $Y \neq X$. O correspondente desse modelo é naturalmente Mudança (participação) Diferente

¹⁴ Sobre a variedade de nuances que podem ser enfatizadas pelo uso opcional do verbo ser em uma cópula, cf. KAHN, [1973] 2003, p. 407; BROWN, 1994, p. 215.

¹⁵ Para a tese de que T5 isola o sentido predicativo do verbo ser, cf. ACKRILL [1957] 1997, p. 81-82.

¹⁶ Boa parte dos intérpretes entende que o que o Visitante faz aqui é precisamente desambiguar *o verbo ser* e não o *mesmo*. Cf. ACKRILL [1957] 1997, p. 83; MALCOLM, 1967: 147; CRIVELLI, 2012, p. 156.

¹⁷ Para análises como essa, cf. OWEN 1971, p. 258; BOSTOCK, 1984, p. 95-96, BROWN, 1986, p. 65, DENYER, 1991, p. 136.

¹⁸ A conexão triádica se encaixa bem no exemplo ilustrativo da conexão, segundo a qual alguns gêneros seriam como vogais que conectam outro tipo de gênero, que são como consoantes (252e9-253a7). Sobre a conexão triádica, cf. BLUCK 1975, p. 121-122. A inclusão do mesmo como um dos gêneros vogais não é unânime, cf. GRANIERI, 2021, p. 84.

¹⁹ Cf. PECK, 1952, p. 67 (que fala em sentença completas e incompletas) e OWEN, 1970, p. 257.

(relação) Mesmo.²⁰ O que vemos é que o diferente também aparece como um conceito relacional (X é diferente em relação a Y), que esse enunciado é analiticamente falso se $Y=X$, e analiticamente verdadeiro se $Y \neq X$. Isso parece ser compatível com o que o Visitante havia dito antes sobre o diferente no argumento que lhe estabelece como um quinto gênero.

[T6] Visitante: Porém acho que você concordaria que dos seres uns se dizem segundo si mesmos, outros sempre em relação aos demais.

Teeteto: Como não?

Visitante: E que o diferente sempre se diz em relação a [algo] diferente. Ou não?

Teeteto: É assim.

Visitante: Não seria esse o caso se o ser e o diferente não diferissem muito. Afinal, se o diferente participasse de ambas as formas, assim como o ser, então um dos que são diferentes seria diferente não em relação a algo diferente. Porém agora nos ficou patente que o que quer que seja diferente, decorre por necessidade que ele assim seja em relação a algo diferente.

{EE.} Ἄλλ' οἶμαι σε συγχωρεῖν τῶν ὄντων τὰ μὲν αὐτὰ καθ' αὐτά, τὰ δὲ πρὸς ἄλλα ἀεὶ λέγεσθαι.

{OEAI.} Τί δ' οὐ;

{EE.} Τὸ δὲ γ' ἕτερον ἀεὶ πρὸς ἕτερον· ἦ γάρ;

{OEAI.} Οὕτως.

{EE.} Οὐκ ἄν, εἴ γε τὸ ὄν καὶ τὸ θάτερον μὴ πάμπλου διεφερέτην· ἀλλ' εἴπερ θάτερον ἀμφοῖν μετέιχε τοῖν εἰδοῖν ὥσπερ τὸ ὄν, ἦν ἄν ποτέ τι καὶ τῶν ἐτέρων ἕτερον οὐ πρὸς ἕτερον· νῦν δὲ ἀτεχνῶς ἡμῖν ὅτιπερ ἄν ἕτερον ἦ, συμβέβηκεν ἐξ ἀνάγκης ἐτέρου τοῦτο ὅπερ ἐστὶν εἶναι.
(255c13-d7)

Se T6 é compatível com nossas análises de T5 e o diferente sempre se diz em relação a [algo] diferente, o modo de dizer em T6 é o modo de dizer a verdade sobre algo. Isso porque naturalmente é possível enunciar que algo é diferente de si mesmo, mas isso será falso.²¹ Dado isso, T6 pretende diferenciar o diferente do ser por argumentar que os seres podem ser ditos dos dois modos: tanto em relação a algo outro, quanto segundo si mesmo. Entendo que dizer em relação a algo outro é dizer X é Y em relação a Z, onde é possível que $Z=X$, mas necessariamente $Y \neq Z$. Isso porque o que garante a relação a outro é Y implicar uma relação – mais uma vez, a ênfase é no gênero

²⁰ Assim, a fórmula de “mudança é não mesmo” seria κίνησις μετέχει θατέρου πρὸς ταῦτον, como supõe Ackrill ([1957] 1997, p. 82), mas a fórmula “mudança é o mesmo” seria κίνησις μετέχει ταυτοῦ πρὸς κίνησιν. Em outras palavras, εαυτήν no texto deve ser correspondente a κίνησις e não a ταῦτον.

²¹ T6 não diz que o diferente não é dito segundo si mesmo. Ele diz que não se diz de coisas que elas são diferentes (ὅτιπερ ἄν ἕτερον) sem que isso implique relação com alguma coisa diferente.

que é predicado.²² Por sua vez, dizer um ente segundo si mesmo é dizer que X segundo si mesmo é Y. O que vemos aqui é, a meu ver, a versão estendida da cópula em que se explicita a conexão de X com o ser.²³ Por isso eu insisti em que a cópula poderia ser desdobrada de tal modo que afirmasse a participação do sujeito no ser. Importante nessa minha proposta é que a cópula não é um modo de dizer o ser em relação a outro²⁴, ela é o modo geral de dizer os seres que acata variedades tais como segundo si mesmo e em relação aos outros (além de coletivamente e distributivamente). Com isso a cópula continua sendo, a meu ver, isenta de significado.

Se assim é, temos em T6 uma tese bastante relevante: a de que o diferente recai sob o modo de dizer os seres em relação a outro. Isso quer dizer que ele é sempre um predicado incompleto de uma cópula que, em sem modo extenso, diz o ser de algo. Com isso em mente, voltemos à tese de que o mesmo é dito (verdadeiramente) de dois modos. Vimos que, no primeiro modo, o mesmo é um predicado incompleto. Já no segundo, como um gênero, o mesmo aparece como um substantivo. Esses dois modos de dizer o mesmo correspondem exatamente à formação do modo coletivo de dizer o mesmo a partir de seu modo distributivo, tal como indiquei no final da seção anterior. Em conclusão, o mesmo é o gênero da autoidentidade e sua formação segue os mesmos padrões de individuação do gênero do ser.

É em T5, e não em T4, que nós temos um argumento que distingue o mesmo do ser. T4 apenas introduz uma ideia de que eles tenham significados distintos. A prova que temos dessa distinção tem a forma de uma análise sintática: o mesmo é um predicado incompleto e o ser não.²⁵ Em outros termos, enquanto o sentido distributivo de ser se faz por conexão com o ser, o do mesmo se faz por conexão com a relação estipulada pelo mesmo. O modo distributivo de dizer o ser, como vimos, dizia

²² Essa leitura, que é coerente com o que vemos sobre a ênfase nos gêneros ao invés dos conectores, responde também a uma controvérsia sobre se essa é uma listagem exaustiva dos modos de se dizer o ente (cf. por exemplo HEINAMAN, 1983, p. 14, que é a favor, e MALCOLM, 2006, p. 285, que é contra) e se ela inclui o mesmo ou não (cf. por exemplo FREDE, 1967, p. 17, que é contra, e BOSTOCK, 1984, p. 93, que é a favor). Eu não vejo razão para supor que a listagem seja exaustiva. Por outro lado, é bastante claro que o mesmo segue o modelo de dizer em relação a outro, veja-se abaixo.

²³ Ao defender essa leitura, me oponho aos que, como Frede (1967, p. 31) entendem que dizer segundo si mesmo é algo que só pode ser dito de gêneros ou formas.

²⁴ Para intérpretes que identificam cópula e relação, cf. MORAVSIC, 1962, p. 42; FREDE, 1967, p. 29; OWEN, 1971, p. 256.

²⁵ Ao defender que há uma distinção de sentido marcada entre o uso completo e o incompleto de ser, Owen (1971, p. 223-224), a meu ver, confunde a distinção entre ser um sujeito do enunciado com predicados completos e incompletos. Cf. BROWN, 1986, p. 55. Para intérpretes que defendem que a distinção seja entre predicados, cf. VLASTOS, 1970, p. 286 e HEINAMAN, 1983, p. 16. O que defendo é que a distinção se aplica a toda a proposição na medida em que ela diz X é Y, e que Y pode ser um predicado incompleto.

“mudança é e estabilidade é”. Isso era equivalente a “a mudança se conecta com o ser” e “a estabilidade se conecta com o ser” sem que a relação precisasse ser introduzida, como no caso do mesmo. Note-se que a conexão não é uma relação e que ela aparece nos modos distributivos de dizer tanto o ser, quanto o mesmo. Isso é interessante porque marca que o mesmo tem o mesmo modo de dizer do diferente, ser dito em relação a outro. Agora podemos ver que, se o diferente tinha poder causal para a divisão dos gêneros, o mesmo tem poder causal para a sua integridade.

Se isso é verdade, a distinção entre mesmo e ser não é o isolamento de um sentido de ser, mas a individuação de um gênero que poderá ser predicado do ser. A prova está em que o ser não é relacional e o mesmo é. Por uma ironia da própria formulação, dizer o mesmo de algo, não é dizer esse algo segundo si mesmo – isso é dizê-lo em sua conexão com o ser –, é dizer esse algo em relação.²⁶ Por isso a forma triádica é importante: não se trata de “Mudança (mesmo) Mudança”, mas sim de “Mudança (participação) Mesmo (relação) Mudança”.²⁷ Se a prova é sintática, podemos manter a tese de que dizer o mesmo é um modo de dizer o ser, mas não um sentido diferente do verbo ser. O mesmo vale para o diferente. Aliás, isso é de extrema importância para o propósito geral do diálogo de mostrar que é possível dizer o que não é. Dizer do ser que ele é diferente é um modo de dizer o ser.

Com isso, fica claro que demonstrar a diferença entre ser e mesmo – e logo a individuação do gênero do mesmo como um dos mais importantes – é um passo central na trajetória do diálogo. É por causa dele que se diferencia relação e cópula. Por outro lado, fica claro que está fora do interesse do Visitante demonstrar que há um sentido de identidade no verbo ser, exatamente porque isso não lhe permitiria concluir que o mesmo é uma relação e, portanto, é diferente do ser. Finalmente, a análise do caso do mesmo nos dá evidência de que interpretações baseadas em análise sintáticas dos argumentos do *Sofista* são mais caridosas ao texto do que as semânticas.

4. Conclusão

²⁶ O fato de ser contraintuitiva não faz da tese de que o mesmo é uma relação absurda, como entendem FREDE, 1967, p. 33 e MALCOLM, 2006, p. 283. Contra isso, cf. DE VRIES, 1988, p. 388; SILVERMAN, 2002, p. 176.

²⁷ É por isso que em T5 se diz da mudança, *de novo*, não o mesmo: a mudança é não mesmo com relação ao mesmo enquanto não mesmo que a mudança.

Este artigo procurou mostrar que, no *Sofista* de Platão, o ser é um gênero enquanto o coletivo das coisas que são distributivamente conectadas ao ser. Tal conexão corresponde à função lógica da cópula e pode ser convertida em um enunciado verbal, de modo que “X é ser” é equivalente a “X é”. Assim, o significado do verbo ser está implicado em qualquer cópula.

O gênero do mesmo é introduzido com a finalidade, não de isolar o sentido de identidade do verbo ser – o que tornaria o argumento em T3 inválido –, mas de mostrar como o ser pode ser dito de ainda outros dois modos. Procurei mostrar que esse é o caso ao concluir que T4 não tem uma prova da distinção semântica entre ser e mesmo, apesar de supô-la. Essa prova só se encontra em T5 e ela é sintática: enquanto se diz das coisas que elas são segundo si mesmas e em relação a outro, não se pode dizer que algo é o mesmo segundo si mesmo. Algo só pode ser dito o mesmo (e o diferente, por sinal) em relação a outro que o mesmo (e o diferente).

Um resultado importante da individuação do gênero do mesmo é a diferenciação entre cópula (forma sintática binária sem valor semântico) e relação (forma sintática triádica com valor semântico). Ela também mostra que são essas diferenças de padrão sintático que o Visitante busca estabelecer para poder garantir que dizer o não ser é um modo de dizer o ser – o modo de dizê-lo enquanto diferente do que lhe é diferente.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ACKRILL, J. L. Plato and the Copula: Sophist 251–259. In ACKRILL, J. L. *Essays on Plato and Aristotle*. Oxford: Oxford University Press, [1957] 1997, pp. 80–92.
- BLUCK, R. S., *Plato's Sophist: A Commentary*. Manchester: Manchester University Press, 1975.
- BOSTOCK, D. Plato on ‘is not’. *Oxford Studies in Ancient Philosophy*, 2, pp. 89-119, 1984.
- BROWN, L. ‘Being in the Sophist: A Syntactical Enquiry’. *Oxford Studies in Ancient Philosophy*, v. 4, p. 49-70, 1986.
- BROWN, L. ‘The verb “to be” in Greek philosophy: Some remarks’. In EVERSON, S. (ed.). *Companions to Ancient Thought 3: Language*. Cambridge: Cambridge University Press, 1994, p. 212-236.
- CORNFORD, F. M., *Plato's theory of knowledge*. London: Kegan Paul, 1935.

- CRIVELLI, P. *Plato's Account of Falsehood: a Study of the Sophist*. Cambridge: Cambridge University Press, 2012.
- CROMBIE, I. M. *An Examination of Plato's Doctrines: II, Plato on Knowledge and Reality*. London: Routledge, 1963.
- DENYER, N. *Language, thought and falsehood in Ancient Greek Philosophy*. London: Routledge, 1991.
- DE VRIES, W. On Sophist 255b-5. *History of Philosophy Quarterly*, 5, pp. 385-394, 1988.
- DUKE, E. A. et al. *Platonis Opera I*. Oxford University Press, Oxford, 1995.
- FREDE, M., *Prädikation und Existenzaussage: Platons Gebrauch von "ist" und "ist nicht" im Sophistes*. Göttingen: Vandenhoeck and Ruprecht, 1967.
- GRANIERI, R. *Being as a kind in Plato's Sophist*. Tese de Doutorado. Toronto: University of Toronto, 2021.
- HEINAMAN, R. Being in the Sophist. *Archiv für Geschichte der Philosophie*, v. 65, pp. 1-17, 1983.
- KAHN, C. H. *The verb "Be" in Ancient Greek*. Indianapolis: Hackett, [1973], 2003.
- MALCOLM, J. Plato's Analysis of τὸ ὄν and τὸ μὴ ὄν in the Sophist. *Phronesis*, v. 12, pp. 130-46, 1967.
- MALCOLM, J. A way back for Sophist 255c12-13. *Ancient Philosophy*, v. 26, pp. 275-289, 2006.
- MORAVCSIK, J. M. E. Being and Meaning in the Sophist. *Acta Philosophica Fennica*, v. 14, pp. 23-79. 1962.
- OWEN, G. E. L., *Plato on Not-Being* In VLASTOS, G. (ed), *Plato I: Metaphysics and Epistemology*, pp. 223-67. New York: Anchor, 1971.
- PECK, Al. L. Plato's 'Sophist': the συμπλοκή τῶν εἰδῶν. *Phronesis*, v. 7, pp. 46-66, 1952.
- SILVERMAN, A. *The dialectic of essence: A Study in Plato's Metaphysics*. Princeton: Princeton University Press, 2002.
- SHOREY, P. *What Plato Said*. Chicago: University of Chicago, 1933.
- VLASTOS, G. An Ambiguity in the Sophist. In VLASTOS, G. *Platonic Studies*. pp. 270-322. Princeton: Princeton University Press, 1981.